

ROLAND BARTHES

SADE, FOURIER, LOYOLA

Tradução | Mário Laranjeira
Revisão da tradução | Andréa Stahl M. da Silva

Martins Fontes
São Paulo 2005

As cores	182
Cena, máquina, escritura.	183
A linguagem e o crime	187
A homonímia.	187
<i>Striptease</i>	188
O pornograma	189
A linguagem de Augustin	190
Complacência da frase.	191
Pôr em ordem.	192
A troca.	193
O dirado	195
A cadeia.	197
A gramática	198
O silêncio.	199
O pé da página.	200
O ritual	201
Nomes próprios	201
O roubo, a prostituição.	202
Costura	203
A linha vermelha.	204
O desejo de cabeça	204
Sadismo	205
O princípio de delicadeza	205
VIDAS	
De Sade	207
De Fourier	209
De Fourier	223

| Prefácio |

De Sade a Fourier, o que fica de fora é o sadismo; de Loyola a Sade, é a interlocução divina. No mais, a mesma escritura: mesma volúpia de classificação, mesma fúria em recorrer (o corpo crístico, o corpo vicinal, a alma humana), mesma obsessão numerativa (contar os pecados, os suplicios, as paixões e os próprios erros da conta), mesma prática da imagem (da imitação, do quadro, da sessão), urdidura do sistema-social, erótico, fantasmático. Nenhum desses três autores é respirável: todos põem o prazer a felicidade, a comunicação na dependência de uma ordem inflexível ou, para ser ainda mais ofensivo, de uma combinatória. Alí estão os três reunidos, o escritor maldito, o grande utopista e o santo jesuíta. Nenhuma provocação intencional há nessa reunião (se provocação houvesse, antes estaria em tratar Sade, Fourier e Loyola como se não tivessem tido fé: em Deus,

no Futuro, na Natureza), nenhuma transcendência (o sádico, o contestatário e o místico não são recuperados pelo sadismo, pela revolução, pela religião) e, acrescento (é o sentido desse prefácio), nada de arbitrário: cada um destes estudos, embora já publicado (em parte) separadamente, foi imediatamente pensado para juntar-se aos vizinhos neste livro: o livro dos Logóteras, dos fundadores de línguas.

A língua que fundam não é, evidentemente, uma língua linguística, uma língua de comunicação. É uma língua nova, atravessada pela língua natural (ou que a atravessa), mas que só pode oferecer-se à definição semiológica do Texro. Isto não impede essa língua artificial (talvez por ser ela, neste caso, fundada por autores antigos, tomada numa dúplice estrutura clássica, a da representação e do estilo, dúplice captura a que tenta escapar a produção moderna, de Lauréramont a Guyonard) de seguir em parte as vias de constituição da língua natural; e, em sua atividade de logóteras, os nossos três autores, parece, recorrem às mesmas operações.

A primeira é isolar-se. A língua nova deve surgir de um vazío material; um espaço anterior deve separá-la das outras línguas comuns, ociosas, ultrapassadas, cujo "ruído" poderia perturbá-la: nenhuma interferência de signos, para elaborar a língua com cuja ajuda o exercitante poderá interrogar a divindade, Loyola exige o retiro: nenhum ruído, pouca luz, a solidão; Sade fecha os seus libertinos em lugares invioláveis (Castelo de Stilling, convento de Sainte-Marie-des-Bois); Fourier decreta a decadência das bibliotecas, seiscentos mil volumes de filosofia, eco-

nomia, moral, censurados, degradados, relegados a um burlesco museu de arqueologia, servindo para distrair crianças (da mesma maneira, Sade, ao levar Juliette e Clairwil para o quarto do carmelita Cláudio, cancela com um traço de desprezo todos os eróticos anteriores que formam a biblioteca vulgar do monge).

A segunda operação é articular. Não há língua sem signos distintos. Fourier divide o homem em 1.620 paixões fixas, combináveis mas não transformáveis; Sade distribui o gozo como as palavras de uma frase (posturas, figuras, episódios, sessões); Loyola parcela o corpo (vivido sucessivamente por cada um dos cinco sentidos), como recorra a narrativa crística (repartida em "místicos", no sentido teatral da palavra). Nem raramente há línguas em que esses signos recortados sejam retomados em uma combinatoria: nossos três autores: corram, combinam, ajustam, produzem continuamente regras de junção; substituem a criação pela sinaxe, pela composição (termo retórico e inaciano): sendo os três fetichistas, apegados ao corpo parcelado, a reconstituição de uma totalidade não pode ser para eles senão a sominação de inteligíveis; não há indizível, não há qualidade irreduzível do gozo, da felicidade, da comunicação: nada há que não seja falado; para Sade e para Fourier, Éros e Psíquê devem ser articulados, exatamente como para Bossuet (que retoma Inácio contra os místicos do inefável, São João da Cruz e Fénelon), a oração deve passar obrigatoriamente pela linguagem.

A terceira operação é ordenar: já não só combinar signos elementares, mas submeter a grande seqüência erótica, eudemonista ou mística a uma ordem superior que já não é a da sin-

o fundador
 taxe, mas a da métrica o discurso novo é dorado de um Ordenador, de um Mestre-de-Cerimônias, de um Retórico: em Inácio, é o diretor do reitor; em Fourier, algum patrão ou patroa; em Sade, é algum libertino que, sem nenhuma preeminência que não a de uma responsabilidade passageira e meramente prática, estabelece posturas e dirige o andamento geral da operação erótica; há sempre alguém para regular (mas não: regulamentar) o exercício, a sessão, a orgia, mas esse alguém não é um sujeito; regente do episódio, é apenas um de seus momentos, não passa de um morfema de recção, um operador de frase. Assim, o rito postulado por nossos três autores não é senão uma forma de planeamento; é a ordem necessária ao prazer, à felicidade, à interlocução divina (da mesma maneira, toda forma do texto nunca é mais do que o ritual que ordena seu prazer); mas essa economia não é apropriativa, permanece "louca", diz unicamente que a perda incondicional não é a perda descontrolada: é necessário justamente que a perda seja ordenada para que possa tornar-se incondicional; a vacância final, que é a negação de toda economia de recepção, só se obtém mediante uma economia: o êxtase sadiano, o júbilo fourierista, a indiferença inaciana nunca excedem a língua que os constitui; não é um rito materialista aquele para além do qual nada há?

Se a *logothésis* se ativesse a um ritual, isto é, a uma retórica, afinal, o fundador de língua nada mais seria do que o autor de um sistema (aquilo a que se chama comumente um filósofo, ou sábio, ou pensador). Sade, Fourier, Loyola são outra coisa: são formuladores (a que se chama comumente escritores). É preciso,

na verdade, para fundar até o fim uma língua nova, uma quarta operação, que é *teatralizar*. O que é *teatralizar*? Não é enfeitar a representação, é ilimitar a linguagem. Embora engajados os três, por sua posição histórica, numa ideologia da representação e do signo, o que os nossos logóteras produzem já é, mesmo assim, texto: quer dizer que ao estilo chão (tal como se pode encontrar nos "grandes" escritores) souberam substituir o volume da escritura. O estilo supõe e pratica a oposição entre fundo e forma; é o compensado de uma substrução; já a escritura acontece no momento em que se dá um escalonamento de significantes tal que nenhum fundo de linguagem mais possa ser identificado; por ser pensado como uma "forma", o estilo implica uma "consistência": a escritura, para retomar uma terminologia laciana, só conhece "insistências". E é isso que fazem os nossos três classificadores, como quer que se julgue o estilo deles, bom, mau ou neutro, pouco importa: eles insistem, e, nessa operação de pesagem e de pressão, não param em parte alguma; à medida que o estilo se absorve em escritura, o sistema se desfaz em sistemática, o romance em romanesco, a meditação em fantasmática: Sade já não é um erótico, Fourier já não é um utopista e Loyola já não é um santo; em cada um deles já não resta senão um cenógrafo: aquele que se dispersa através dos basidores que planta e escalone até o infinito.

Se então Sade, Fourier e Loyola são fundadores de língua, e não mais que isso, é justamente para nada dizer, para observar uma vacância (se quisessem dizer *alguma coisa*, a língua lingüística, a língua da comunicação e da filosofia bastaria: poder-se-ia

resumidos, o que não é o caso de nenhum deles). A língua, campo do significante, põe em cena relações de insistência, não de consistência: dispensa-se o centro, o peso, o sentido. A *Logothésis* menos centrada é certamente a de Fourier (as paixões e os astros estão incessantemente dispersos, ventilados), e é sem dúvida por isso que é a mais eufórica. Para Loyola, claro, vemos adiante, Deus é mesmo a Marca, o acento interno, o vinho tomado pelo fogo da escritura, essa marca, esse acento, esse vinco finalmente faltam: um sistema logorético de extrema sutileza, à força de chicanas, produz ou quer produzir a indiferença semântica, a igualdade da interrogação, uma mântica em que a ausência de resposta toca à ausência de respondedor. E para Sade há certamente algo que pondera a língua e faz dela uma metonímia centrada, mas esse algo é a porra (“Todas as imoralidades se encadeiam, e quanto maior número delas reunirmos à imoralidade da porra, mais ficaremos necessariamente felizes”), quer dizer, literalmente, a disseminação.

Nada mais deprimente do que imaginar o Texto como um objeto intelectual (de reflexão, de análise, de comparação, de reflexo etc.). O Texto é um objeto de prazer. O gozo do Texto muitas vezes é apenas estilístico: há felicidades de expressão, e elas não faltam nem em Sade nem em Fourier. Por vezes, entretanto, o prazer do Texto se realiza de maneira mais profunda (e é então que se pode realmente dizer que há Texto): quando o texto “literário” (o Livro) transmigra para dentro de nossa

vida, quando outra escritura (a escritura do Outro) chega a escrever fragmentos da nossa própria cotidianidade, enfim, quando se produz uma *co-existência*. O indício do prazer do Texto é então podermos viver com Fourier, com Sade. Viver com um autor não significa necessariamente cumprir em nossa vida o programa traçado nos livros desse autor (essa conjugação não seria, no entanto, insignificante, pois que constitui o argumento de *Dom Quixote*; é verdade que *Dom Quixote* é ainda uma criatura de livro); não se trata de operar o que foi representado, não se trata de tornar-se sádico ou orgiaco com Sade, falanstreliano com Fourier, orante com Loyola; trata-se de fazer passar para nossa cotidianidade fragmentos de inteligível (“fórmulas”) provindos do texto admirado (admirado justamente porque se difunde bem); trata-se de falar esse texto, não de o agir, deixando-lhe a distância de uma citação, a força de irrupção de uma palavra bem cunhada, de uma verdade de linguagem; nossa própria vida cotidiana passa a ser então um teatro que rememora por cenário o nosso próprio hábitat social; viver com Sade é, em dados momentos, falar sadiano; viver com Fourier é falar fourierista (viver com Loyola? — Por que não? Mais uma vez, não se trata de transportar para o nosso interior conteúdos, convicções, uma fé, uma Causa, nem sequer imagens; trata-se de receber do texto uma espécie de ordem fantasmatista: saborear com Loyola a volúpia de organizar um retiro, de forrar-lhe o tempo interior, distribuir os seus momentos de linguagem; a seriedade das representações inactivas mal conseguem abafar o gozo da escritura).

O prazer do Texto comporta também uma volta amigável do autor. O autor que volta não é por certo aquele que foi identificado por nossas instituições (história e ensino da literatura, da filosofia, discurso da Igreja); nem mesmo o herói de uma biografia ele é. O autor que vem do seu texto e vai para dentro da nossa vida não tem unidade; é um simples plural de “encantos”, o lugar de alguns pormenores tênues, fonte, entretanto, de vivos lampejos romanescos, um canto descontínuo de amabilidades, em que lemos apesar de tudo a morte com muito mais certeza do que na epopéia de um destino; não é uma pessoa (civil, moral), é um corpo. Num desprendimento de qualquer valor produzido pelo prazer do Texto, o que me vem da vida de Sade não é o espetáculo, embora grandioso, de um homem oprimido por uma sociedade em razão do fogo que ele carrega, não é a grave contemplação de um destino, é, entre outras coisas, essa maneira provençal com que Sade chamava “*milli*” (senhorita) Rousset, ou *milli* Henriette, ou *milli* Lépinai, é seu regalo branco quando abordou Rose Keller, seus últimos jogos com a pequena roupeira de Charenton (na roupeira é a roupa que me encanta); o que me vem da vida de Fourier é seu gosto pelos “*mitilons*” (bolinhos parisienses com aromatizantes), sua simpatia tardia pelas lésbicas, sua morte entre os vasos de flores; o que me vem de Loyola não são as peregrinações, as vias, as macerações e as constituições do santo, mas somente “os seus belos olhos, sempre um pouco marejados de lágrimas.” Porque, se é necessário que, por uma dialética arrevesada, haja no Texto, destruidor de todo sujeito, um sujeito para amar, tal

sujeito é disperso, um pouco, como as cinzas que se arriam ao vento após a morte (ao tema da *urna* e da *estrela*, objetos fortes, fechados, instituidores de destino, opor-se-iam os *estilhaços* de lembrança, a erosão que só deixa da vida passada alguns vincos); se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolvido, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “*biografemas*”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra, ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens (esse *flumen orationis* em que talvez consista “o lado porco” da escritura) é entrecortada, à moda de soluços salutarres, pelo negro apenas escrito do intertítulo, pela irrupção desenvolva de *outro* significante: o regalo branco de Sade, os vasos de flores de Fourier, os olhos espanhóis de Inácio.

“Só as pessoas que se enfadavam precisam de ilusões”, dizia Brecht. O prazer de uma leitura garante-lhe a verdade. Lendo textos e não obras, exercendo sobre eles uma vidência que não lhes vai procurar o segredo, o “conteúdo”, a filosofia, mas tão-somente a sua felicidade de escritura, posso esperar arrancar Sade, Fourier e Loyola de suas cações (a religião, a utopia, o sadismo); tento dispersar ou eludir o discurso moral com que se tratou de cada um deles; só trabalhando, como fizeram eles próprios, sobre as linguagens, descolo o texto da sua moção de

garantia: o socialismo, a fé, o mal. Por isso mesmo obrigo (pelo menos é a intenção teórica destes estudos) a deslocar (mas não a suprimir; talvez até a acentuar) a responsabilidade social do texto. Alguns acreditam que podem, com toda segurança, situar o lugar dessa responsabilidade: seria o autor, a inserção desse autor em seu tempo, sua história, sua classe. Entretanto, outro lugar permanece enigmático, escapa, por ora, a qualquer esclarecimento: o lugar da leitura. Esse obscurcimento se dá justamente no momento em que mais se vitupera a ideologia burguesa sem nunca perguntar de que lugar se fala dela ou contra ela: seria o espaço do não-discurso ("não falemos, não escrevamos; militemos")? Seria o de um contradiscurso ("discursemos contra a cultura de classe"), mas constituído então de que traços, de que figuras, de que argumentações, de que resíduos culturais? Fazer como se um discurso inocente pudesse ser mantido contra a ideologia equivale a continuar acreditando que a linguagem pode não ser mais do que o instrumento neutro de um conteúdo triunfante. Na verdade, não há hoje nenhum lugar de linguagem exterior à ideologia burguesa: nossa linguagem vem dela, a ela retorna, nela fica fechada. A única resposta possível não é nem o enfrentamento nem a destruição, mas somente o roubo: fragmentar o texto antigo da cultura, da ciência, da literatura e disseminar-lhe os traços segundo fórmulas irreconhecíveis, da mesma maneira que se disfarça uma mercadoria roubada. Diante do antigo texto, tento então apagar a falsa eflorescência sociológica, histórica ou subjetiva das determinações, visões, projecções; escuro o arrebatamento da men-

sagem, não a mensagem, vejo na obra tríplice o desdobramento vitorioso do texto significante, do texto terrorista, deixando soltar-se, como uma pele ruim, o sentido recebido, o discurso repressivo (liberal) que quer sempre encobri-lo. A intervenção social de um texto (que não se realiza necessariamente no tempo em que se publica esse texto) não se mede nem pela popularidade da sua audiência, nem pela fidelidade do reflexo econômico-social que nele se inscreve ou que ele projeta para alguns sociólogos ávidos de recolhê-lo, mas antes pela violência que lhe permite exceder as leis que uma sociedade, uma ideologia, uma filosofia se dão para pôr-se de acordo consigo mesmas num belo movimento de inteligência histórica. Esse excesso tem nome: escritura.

Junho de 1971.